

**PROCESSOS FONOLÓGICOS:
UM OLHAR SOBRE A ESCRITA
DE ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS**

Camila Fernandes dos Santos (UFRB)
miloknandes@hotmail.com

Robervaldo Correia dos Santos (UFRB)
Bem_fsa@hotmail.com

Geisa Borges da Costa (UFRB)
geicosta@ufrb.edu.br

1. Introdução

A interferência da fala na escrita de alunos das séries iniciais tem sido um dos grandes entraves no processo de aprendizagem da escrita, já que quando entram em contato com o código escrito as crianças precisam associar som, distintividade e representação gráfica. Os professores, diante das ocorrências do português não padrão na escrita, têm duas possibilidades: uma, é ignorar os motivos que levam o aluno ao desvio da norma padrão e taxá-lo arbitrariamente como erro, atitude que não contribui para o processo de aprendizagem da escrita; a outra, ao contrário, é dispor-se a entender como se dá a interferência da fala na escrita e, a partir daí, adquirir conhecimento sistemático sobre a influência de processos fonético-fonológicos em produções escritas.

A adequação da escrita à norma padrão, desde os primeiros anos de escolarização, é uma exigência imposta ao aluno pela instituição escolar. No entanto, devido ao fato de a forma escrita não corresponder exatamente aos sons da fala, os alunos acabam transcrevendo foneticamente esses sons, o que se constitui em um erro ortográfico.

Este trabalho analisou a interferência de processos fonético-fonológicos na escrita de alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental. O objetivo foi verificar a influência da fala na escrita dos alunos em início de escolarização, atentando para alguns fenôme-

nos fonéticos frequentes no português do Brasil que interferem na produção da língua escrita.

A hipótese norteadora deste estudo foi a de que certos desvios da norma padrão que ocorrem na língua escrita podem ser explicados devido à influência de alguns processos fonético-fonológicos. Este trabalho justifica-se por possibilitar aos professores um conhecimento mais sistemático sobre a escrita dos alunos, na medida em que prevê alguns desvios da norma padrão na língua escrita.

Foram coletados e analisados dez textos, sendo cinco textos de alunos do 4º ano do ensino fundamental da rede municipal de Iaçú – BA e cinco textos do 5º ano do ensino fundamental da rede municipal de Amargosa – BA. Analisamos as produções textuais, observando, como um fator extralinguístico, a série em que se encontram os alunos.

Neste trabalho, fizemos uma revisão bibliográfica a respeito da língua falada enquanto objeto de estudo científico e sobre a interferência da fala na escrita dos alunos das séries iniciais; apresentamos os procedimentos metodológicos; a análise dos dados; e a conclusão geral do trabalho. Cabe salientar que essa proposta tem caráter funcionalista e vincula-se aos estudos sociolinguísticos.

2. A língua falada enquanto objeto de estudo científico

O interesse pela linguagem, segundo Petter (2011), remonta a tempos antigos. Desde antes de Cristo que, motivados por razões religiosas, os hindus estudaram sua língua com o objetivo de não permitir modificações nas pronúncias dos textos sagrados reunidos no *Veda*. Panini (século IV a.C.), gramático hindu, dedicou-se a descrever a sua língua e produziu modelos de análise que mais tarde, no século XVIII, foram descobertos pelo Ocidente.

A linguística, segundo Carvalho (2009), adquiriu status de ciência a partir do século XIX, pois antes disso havia apenas o es-

tudo assistemático e irregular da linguagem. Para este autor, antes da linguística constituir-se como ciência passou por três fases: a filológica, que especulava a origem da linguagem; a filológica, com estudos centrados na elucidação dos textos, mormente em seus aspectos morfológicos, sintáticos e fonéticos e a histórico-comparatista, quando descobre o sânscrito, entre 1786 e 1816, e revela-se o parentesco genético entre as línguas.

A terceira fase, histórico-comparatista, é marcada pelo caráter diacrônico em que os investigadores da linguagem ocupavam-se em saber como as línguas evoluem e não como funcionam. Conforme Carvalho (2009), a linguística passa por transformações em seu campo científico a partir do início do século XX, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, texto elaborado pelos discípulos de Ferdinand Saussure, Charles Bally, Albert Schehaye e Albert Riedlinger. O Mestre genebrino então passa a ser considerado o pai da Linguística moderna.

Saussure (2006), em sua mais famosa dicotomia sobre a linguagem, considera a fala como a exteriorização das combinações do código linguístico que o falante realiza para materializar seus pensamentos, pois, segundo ele, a linguagem é dividida em língua e fala (*langue X parole*).

Sob esse ponto de vista, a linguística deve ter como objeto de estudos a língua, que é um sistema de signos que se relaciona entre si compondo um todo e que independe da vontade do indivíduo, pois está externo a ele, encontrando-se em um nível social; a fala, no entanto, possui características estritamente individuais, concebida como inerente ao indivíduo.

Os termos “linguagem” e “língua”, em português, possuem sentidos diferentes. O termo “língua” normalmente diz respeito às variedades das línguas, enquanto que o termo “linguagem” é utilizado no sentido mais amplo, englobando vários sistemas de comunicação. Ressalta-se aqui que a fala é o ato individual que materializa a língua do falante, ela é a representação perceptível da organização linguística da língua.

A abordagem linguística a partir dessa concepção estrutural, apesar de conceber a língua como parte social da linguagem, não considera em seus estudos o uso social da mesma, pois se atém em investigações internas ao sistema.

Essa breve apresentação do paradigma formal da linguagem nos mostra que nem sempre a fala foi concebida como objeto de estudo da linguística. A análise fonética aqui realizada não se limita à concepção de estudo da língua em si mesma. Neste trabalho, consideramos a função social da língua como relevante para descrever e explicar os fatores, tantos linguísticos como extralinguísticos, que influenciam na variação do uso da fala e que, consequentemente, contribuem para o desvio da norma na escrita dos alunos.

Há, na corrente funcionalista da linguagem, vários quadros teóricos que situam seu objeto a partir da real situação de uso como, por exemplo: a pragmática, a linguística de texto, a análise do discurso, a sociolinguística e entre outras. À sociolinguística em que se situa este trabalho, Mollica dá a seguinte definição:

É uma das subáreas da linguística e estuda a linguagem em uso no seio da comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2010, p. 9).

A sociolinguística dá importante destaque para os fatores externos ao sistema linguístico ao considerar a relação que a língua tem com a sociedade que a utiliza, entendendo também o sistema linguístico enquanto estrutura. E, no entanto, a sua atuação transita na fronteira entre o sistema linguístico e a comunidade de fala.

Mollica (2010) diz que as línguas apresentam um dinamismo e são heterogêneas, apresentando variações tanto de ordem interna quanto de ordem externa ao sistema linguístico. Para esta autora, a sociolinguística considera como objeto de estudo exatamente a variação.

As línguas transformam-se e vão adquirindo características e peculiaridades próprias em função do seu uso por comunidades específicas. Os indivíduos aprendem a língua e o dialeto da comunidade em que vivem. Sendo assim, quando chegam à escola, as crianças trazem consigo as manifestações linguísticas usuais em sua comunidade de fala, as quais influenciam no aprendizado inicial da escrita, contribuindo para o desvio da norma padrão, o que é considerado um “erro” pela escola; assim, esse termo, “erro”, carrega o conceito usado para identificar o desvio da norma social vigente sobre o uso da língua.

Logo, numa sociedade dividida em classes, a distinção entre indivíduos opera-se também por meio da língua, já que os indivíduos são classificados em posições de maior ou menor prestígio de acordo com seus usos linguísticos. A língua culta é o idioleto de um pequeno grupo pertencente à classe social dominante, que não por acaso é também a mais escolarizada, considerada pela escola como único modelo linguístico socialmente “correto” e imposto aos desfavorecidos no contexto socioeducacional.

Considerando a realidade linguística brasileira, vejamos o que diz Perini:

É urgente elaborar gramáticas do português brasileiro para que não se eternize a anômala situação de um povo que não estuda – na verdade, as vezes se recusa a estudar – a língua que fala. Um povo, na verdade, que tende a negar a existência dessa língua, como quando se diz que a frase *me dá um quibe aí* “não existe”. Já passou da hora em que devíamos abrir os olhos para a nossa realidade linguística (PERINI, 2010, p. 20 – Grifo nosso).

Para esse autor, a realidade linguística brasileira é negada, mesmo diante de tantas evidências da heterogeneidade presente no falar brasileiro, considerando urgente a existência de uma política linguística que seja capaz de elaborar gramáticas do português brasileiro para contemplar tal realidade linguística. Neste trabalho, será feito um recorte que tratará da interferência da fala na escrita de alunos das séries iniciais, considerando esse cenário de manifestações das variações linguísticas.

3. Interferência da fala na escrita dos alunos das séries iniciais

A variação linguística, segundo Mollica (2010), opera em diferentes níveis das línguas: do vocabulário, da morfossintaxe, do pragmático-discursivo e do fonético-fonológico, evidenciando a diferenciação geográfica e social dos falares.

A variação fonética, por exemplo, leva o falante, principalmente nas séries iniciais, a fazer a transcrição literal dos sons da fala para escrita, contribuindo para o desvio do modelo de escrita estabelecido e considerado de prestígio, principalmente pela escola.

É perceptível a interferência da fala na escrita de alunos nas séries iniciais. Isso ocorre pelo fato de a criança estar em processo de aprendizagem e ainda não ter um conhecimento da complexidade da ortografia existente em sua língua. No processo de alfabetização, há enorme dificuldade de o aluno compreender que o sistema ortográfico difere da fala, ou seja, que a escrita nem sempre será fiel à sua pronúncia.

Assim, Simões afirma que:

A alfabetização, como processo de aquisição da escrita, sobretudo na infância, se apresenta como um processo da maior complexidade; desde a assimilação das diferenças específicas da camada fônica da língua, observadas as variantes linguísticas, até as diferenças marcadas e marcantes entre o sistema fonêmico e o sistema gráfico (SIMÕES, 2006, p. 49).

Torna-se extremamente difícil para criança compreender as diferenças postas entre os sons da fala e a escrita, devido à complexidade no processo de aprendizagem da escrita²⁴ nessa fase de aprendizagem. “Ao ingressar no sistema educacional, exige-se dele [o aluno] muito mais que a comunicação oral: é preciso aprender os sinais gráficos que constituem a comunicação escrita” (COSTA, 2010, p. 55). Entretanto, a criança, no início do processo

²⁴ Neste texto priorizamos o uso do termo “aprendizagem” para referir-se a aprendizagem da escrita, pois, atualmente, é o termo amplamente utilizado na perspectiva dos estudos de aquisição da linguagem. No entanto, o termo “aquisição” será mantido nas transcrições de citação.

de alfabetização, não consegue perceber a falta de correspondência existente entre os sons da fala e a escrita, e essa dificuldade induz a criança a escrever como se fala. Ainda, segundo a autora:

A criança ao iniciar suas hipóteses sobre a escrita, escreve da mesma forma que fala, utilizando para cada letra um valor sonoro. Este é um dos motivos que torna a aprendizagem da linguagem escrita um problema bastante complexo, principalmente para as crianças que pertencem às classes populares, cujas variáveis utilizadas na fala são muito distantes da norma linguística exigida na escrita (COSTA, 2010, p. 56).

Assim, o aluno, ao tentar escrever de acordo com a sua pronúncia, distancia-se da norma culta exigida pela escola. A utilização de uma letra para cada valor sonoro dificulta ainda mais o processo de aprendizagem da escrita, pois, para o aluno, cada letra terá o valor sonoro de sua pronúncia. “É preciso então que ele saiba que uma letra pode representar vários sons, superando a hipótese inicial de biunivocidade entre letras e sons” (COSTA, 2010, p. 58).

Faz-se necessário a realização de atividades pedagógicas para que o aluno possa testar suas hipóteses iniciais, isso possibilita ao estudante compreender que a relação entre sons e letra não é unívoca. Consideramos importante a produção de textos espontâneos pelos alunos durante o processo de alfabetização, pois ao observar as diferenças entre suas produções e o que lhe é exigido pela norma culta, irão perceber seus desvios ortográficos, que são considerados erro pela escola.

Para Lemle (2005, p. 26), “o primeiro grande progresso na aprendizagem dá-se quando o alfabetizando consegue compreender que a escrita é a representação de unidades sonoras por unidades gráficas”. Essa percepção contribui expressivamente para assimilação e compreensão do sistema ortográfico pelo aluno, dando-lhe suporte para produção da escrita, resultando numa aprendizagem significativa.

Nesse sentido, urge a necessidade de o professor possuir conhecimentos sistemáticos dos aspectos fonético-fonológico da língua portuguesa para intervir com estratégias didáticas e possibi-

litar a compreensão e percepção do aluno sobre a influência que o fenômeno da variação na fala tem durante o processo de aprendizagem da escrita.

4. Procedimentos metodológicos

Neste trabalho, por meio dos dados coletados, analisamos a interferência de processos fonético-fonológicos na escrita de alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental. O objetivo, como já dissemos, foi verificar qual o nível de influência da fala na escrita dos alunos em início de escolarização, atentando para alguns fenômenos fonéticos frequentes no português do Brasil que interferem na produção da língua escrita.

A hipótese que norteou este estudo foi a de que certos desvios da norma padrão que ocorrem na língua escrita podem ser explicados devido à influência de alguns processos fonético-fonológicos. Este trabalho justifica-se por possibilitar aos professores um conhecimento mais sistemático sobre a escrita dos alunos, na medida em que prevê alguns desvios da norma padrão na língua escrita.

Para seleção e análise dos dados foram coletados dez textos, sendo cinco textos de alunos do 4º ano do ensino fundamental da rede municipal de Iaçú (BA) e cinco textos do 5º ano do ensino fundamental da rede municipal de Amargosa (BA). Analisamos as produções textuais, observando a série em que se encontram os alunos, como fator extralinguístico.

Os textos que serviram de fonte de dados foram solicitados às professoras das respectivas séries em questão, e *a priori* encontravam-se já prontos, ou seja, as produções textuais não objetivaram, ao menos de início, fornecer tais dados.

As professoras que forneceram os textos fizeram questão de retirar os nomes dos alunos e alunas dos mesmos e não informaram nem idade e sexo das crianças, isso impossibilitou a análise dessas variáveis sociais. Consideramos, também, que não é possí-

vel realizar uma análise dos aspectos de influência geográfica, uma vez que se tratam de produções textuais de alunos residentes em áreas geográficas próximas.

Foram destacados também outros fatores caracterizados como desvio da norma culta exigida pela escola como, por exemplo, a hipercorreção e acentos gráficos. Os dados destacados na próxima seção serão apenas o resultado de uma seleção dentre tantas outras ocorrências existentes nos textos, ou seja, as ocorrências em que há a interferência da fala na escrita dos textos coletados não se esgotam com esta análise.

5. *Análise dos dados*

Os dados estão dispostos em forma de gráficos e tabelas e apresenta uma discussão explanatória, apresentando os índices de ocorrências dos dados obtidos. Mais adiante, apresenta-se o gráfico contendo as formas não padrão em que a escrita sofre interferência da fala:

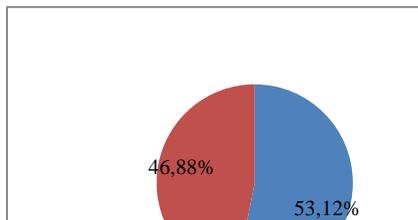


Gráfico 1: Ocorrências de formas não padrão por interferência da fala no 4º e 5º ano

Ao analisar os dados, percebemos que a ocorrência de formas não padrão não se diferencia muito em termos de números nas respectivas séries em questão. Talvez, por tratar-se de duas séries muito próximas, não há um desenvolvimento que aponte para uma diferença significativa entre essas séries. Se comparássemos, por exemplo, o 5º ano com o 1º ano do ensino fundamental, possivelmente, poderia perceber-se uma diferença mais significativa de ocorrências de formas não padrão entre essas duas séries.

Vejamos a seguir a tabela com a descrição de casos das ocorrências de formas não padrão:

Fen. fonético-fonológicos	4º ano	5º ano
Alteamento da vogal	ande/ <i>andi</i> me/ <i>mi</i> precipício/ <i>priscipicio</i> caminhando/ <i>caminhadu</i> ouvindo/ <i>ouvindo</i> gritando/ <i>gritandu</i>	todo/ <i>todu</i> enrascada/ <i>inrascada</i>
Ditongação		três/ <i>trêis</i> fez/ <i>feis</i> atrás/ <i>atrais</i>
Monotongação	ouviu/ <i>oviu</i> chegou/ <i>chego</i> falou/ <i>falo</i> história/ <i>istori</i>	acordou/ <i>acordo</i> preguiçoso/ <i>pregisoso</i> chegou/ <i>chego</i>
Supressão do r final	favor/ <i>favo</i> ouvir/ <i>ouvi</i> falar/ <i>fala</i> gritar/ <i>grita</i>	amanhecer/ <i>amanhece</i> tirar/ <i>tira</i> levar/ <i>leva</i>
Vocalização		balde/ <i>balde</i>
Juntura intervocabular	se não/ <i>cinaõ</i> deixe pra lá/ <i>deixpralar</i>	de água/ <i>dagua</i>
Desnasalização fonética	numa/ <i>nua</i>	nunca/ <i>nuca</i> pensava/ <i>pesava</i>

Tabela 1: casos de formas não padrão

Os dados analisados, diferentemente dos resultados gerais exibidos no gráfico 1, apresentaram diferenças significativas entre as formas específicas de ocorrências no 4º e 5º ano, mostrando que, se por um lado, não se percebe nitidamente as diferenças no cômputo geral das formas não padrão entre as séries em questão, por outro lado, essas diferenças mostram-se mais observáveis quando se especifica os fatos fonéticos que podem ter interferido para o desvio da forma padrão.

Apresentaremos uma breve descrição sobre esses fenômenos fonético-fonológicos encontrados no *corpus* e, a seguir, apontaremos as diferenças em percentual das ocorrências de cada fenômeno.

O alteamento da vogal diz respeito aos casos em que os alunos escrevem *i* em vez de *e*, *u* em vez de *o*, porque falam [i] e não [e], como em (ande/*andi*) e (caminhando/*caminhadu*). O fenômeno de alteamento dessas vogais em final de palavras é próprio da pronúncia do português brasileiro, porém, na escrita, esses casos são estigmatizados.

A ditongação acontece quando o aluno escreve duas vogais em vez de uma, por usar na sua pronúncia um ditongo. A pronúncia popular, segundo Garcia (2009), desenvolve uma semivogal, como podemos perceber nos dados do 5º ano: (três/*treis*), (fez/*feis*) e (atrás/*atrais*).

As ocorrências de monotongação revelam casos em que o aluno escreve uma vogal em vez de duas, porque usa na sua pronúncia um monotongo. Segundo Tasca (2002, p. 24), “com relação ao ditongo [ow], há grande unanimidade entre os estudiosos quanto a sua monotongação”. Percebemos que nos usos de ditongos decrescentes como em (chegou/*chego*) e (falou/*falo*) os alunos tendem a transcrever a forma pronunciada para a escrita, omitindo a semivogal [w].

Segundo Garcia (2009), o morfema marcador de infinitivo *r*, na maioria das vezes, não se manifesta foneticamente no português brasileiro, ocorrendo sua supressão no final dos verbos no infinitivo. O aluno não escreve o *r*, por haver a supressão fonética desse som em sua fala como em (favor/*favo*) e (amanhecer/*amanhece*). A vocalização é o processo em que o aluno escreve *u* em lugar de *l* como em (balde/*baude*), para Garcia (2009), devido ao *l* ser pós-vocálico normalmente assume o papel de semivogal, isso faz com que o aluno realize a troca no processo de aprendizagem da escrita.

A juntura intervocabular acontece quando o aluno transcreve sua pronúncia sem marcar a separação das palavras, pois, a produção dos sons da fala, na maioria das vezes, não apresentam intervalos sonoros.

A desnasalização fonética ocorre quando o aluno usa somente a vogal para indicar o som nasalizado, suprimindo a consoante *m*, *n* ou o *til* como em (numa/*nua*) e (pensava/*pesava*). Segundo Simões (2006, p. 52), “o desconhecimento da marcação gráfica por meio do til ou do travador consonântico leva o aluno a não grafá-la”, para essa autora, ainda que a nasalidade fosse percebida pelo aluno, não seria possível a sua marcação devido ao desconhecimento das regras. O conhecimento de tais regras é adquirido de forma sistemático pelo aluno, isso somente ocorre de maneira gradual.

Para percebermos, de forma mais nítida, as diferenças percentuais das ocorrências dos fenômenos fonético-fonológicos entre o 4º e 5º ano, apresentamos a análise dos dados por meio de gráficos e comparamos os resultados entre as séries, fator extralinguístico, considerado neste trabalho. Vejamos:

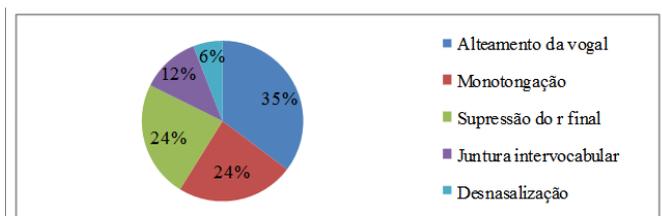


Gráfico 2: Ocorrências de fenômenos fonéticos no 4º ano

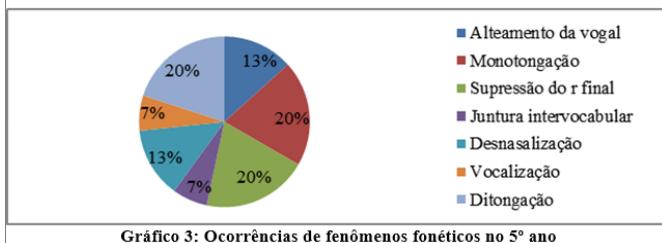


Gráfico 3: Ocorrências de fenômenos fonéticos no 5º ano

Percebe-se que, no 5º ano, há um número maior de ocorrências e uma distribuição mais proporcional das mesmas, quando comparado com os dados do 4º ano. O caso de alteamento da vogal, por exemplo, mostra uma diferença significativa entre as duas séries. Isso, provavelmente, justifica-se por haver um trabalho sis-

temático com ditongos, conteúdo que, inclusive, pode ser encontrado nos livros didáticos.

Casos em que não são trabalhados nos conteúdos programados para essas séries como, por exemplo, supressão do *r*, permanece instável, ou tende a aumentar proporcionalmente ao desenvolvimento lexical.

Outra observação importante é que, no 5º ano, à medida que o aluno aumenta o seu vocabulário surge também outros tipos de ocorrências, ou seja, quanto mais realizações de novos vocábulos, maiores também são os números de ocorrências de desvios da norma padrão. Com o avanço nas séries e testagens de suas hipóteses, o aluno começa a perceber a relação não unívoca entre os sons da fala e a escrita, isso, gradualmente, faz com que o aluno perceba que a escrita é a representação de unidades sonoras por unidades gráficas.

Assim, o aluno tende a aumentar o número de novas ocorrências²⁵ ao avançar na seriação e diminuir o número de uma mesma ocorrência que são tratadas nas respectivas séries. É a percepção adquirida pelo aluno que contribui para reduzir o número de uma mesma ocorrência como, por exemplo, nos casos de alçamento, em que escreve *i* em vez de *e*, e de monotongação, em que há o uso de uma vogal em vez de duas²⁶.

Além dos casos de interferência fonética na escrita verificamos também a ocorrência de outros fatores como a hipercorreção e acentos gráficos. Cagliari (2008) mostra como ocorrem esses processos:

A hipercorreção é muito comum quando o aluno já conhece a forma ortográfica de determinadas palavras e sabe que a pronúncia destas é diferente. Passa a generalizar esta forma de escrever; por exemplo, como muitas palavras que terminam em *e* são pronunciadas com *i*, escreve todas as palavras com o som de *i* no final com a letra *e* (CAGLIARI, 2008, p. 141).

²⁵ Observe que há ocorrências no gráfico 3 que não se encontram no gráfico 2.

²⁶ Para comparar a proporcionalidade referida, veja os gráficos 2 e 3.

Uma observação importante é que casos em que ocorrem o alteamento ou vocalização da vogal podem ser também caracterizados como hipercorreção. Vejamos os exemplos a seguir: *caminhando/caminhadu*²⁷, *ouvindo/ouvindu*, *gritando/gritandu*, *todo/todu* e *balde/baude*.

Em algumas ocorrências são nítidos os casos de hipercorreção como, por exemplo, *encontrou/emcontrol*, *passou/passol* e *demorou/demorol*. Apesar de este trabalho limitar-se a uma análise em textos escritos, consideramos fundamentalmente importante a atenção do professor para a fala dos alunos. Por estar em contato direto com eles, o professor tem a possibilidade de perceber na escrita se a ocorrência do desvio da norma padrão é consequência de interferência da fala ou devido à generalização de regras, que caracterizam a hipercorreção.

Quanto à acentuação, “alguns erros de uso de acento provêm da semelhança ortográfica entre formas com e sem acento, como é o caso típico de se escrever *e* com acento e *é* sem acento” (CAGLIARI, 2008, p. 144). Vejamos estes exemplos: *manhã/manha*, *chaminé/chanine*, *música/musica*, *está/esta*, *já/ja* e *lá/la*. Conforme Cagliari, esses sinais diacríticos geralmente não são ensinados no início do aprendizado da escrita, por isso raramente estão presentes nas produções espontâneas dos alunos. Assim, o professor precisa saber qual a origem dos fatores que fazem com que os alunos comentam “erros” de ortografias, pois poderá auxiliá-los em suas dificuldades ortográficas.

6. Considerações finais

No primeiro tópico deste trabalho, foram feitas considerações a respeito da língua falada enquanto objeto de estudo científico, mostrando que, numa perspectiva formal sobre a linguagem, Ferdinand Saussure (2006) considera a língua e não a fala como objeto de estudo da linguística, referindo-se à fala como a realiza-

²⁷ As palavras em itálico fazem parte dos dados retirados dos textos do 4º e 5º ano.

ção física da língua. O mestre genebrino, mesmo considerando que a língua está estabelecida no nível social, não se preocupa com o seu uso, ou seja, considera apenas o seu valor social e não os diferentes usos da língua realizados pelos falantes.

Foi visto que, dentre outros quadros teóricos da corrente funcionalista da linguagem, a Sociolinguística dá importante destaque para os fatores externos ao sistema linguístico, ao considerar a relação que a língua tem com a sociedade que a utiliza. Essa corrente teórica considera a variação como uma condição essencial para o funcionamento do sistema linguístico. A sua atuação transita na fronteira entre o sistema linguístico e a comunidade de fala.

As crianças, ao chegarem à escola, trazem consigo as manifestações linguísticas usuais em sua comunidade de fala, que se manifestam no aprendizado inicial da escrita. Esses usos linguísticos são taxados como “erro”, já que a escola institui uma única forma de utilização da língua, considerando como desvio todas as formas que não coincidam com o uso linguístico de prestígio. Sendo assim, o uso da língua utilizado pelo aluno, será estigmatizado ou não pela escola, dependendo da aproximação linguística ao modelo valorizado pelas instituições sociais.

A norma culta da língua é a variante prestigiada pela escola e pela sociedade, utilizada apenas por um pequeno grupo da classe dominante que, não por coincidência, é também o mais escolarizado. A norma culta é considerada pela escola como único modelo linguístico correto e aceito socialmente, ou seja, é vista como um modelo a ser seguido por todos, sendo imposta aos desfavorecidos no contexto socioeducacional. Apesar das evidências da heterogeneidade presente na realidade linguística brasileira, a escola ainda insiste em negar ou negligenciar essa variação do português do Brasil.

Fizemos uma revisão bibliográfica a respeito da língua falada enquanto objeto de estudo científico e sobre a interferência da fala na escrita dos alunos das séries iniciais. Percebemos que, de acordo com as teorias apresentadas por Simões (2006) e Costa

(2010), é, sim, possível ter a fala como objeto de estudos científico.

Observamos que o progresso na aprendizagem acontece quando o alfabetizando consegue compreender que a escrita é a representação de unidades sonoras por unidades gráficas. Essa compreensão possibilita, ao aluno, perceber a falta de univocidade do sistema ortográfico e os sons da fala.

Percebemos a partir da análise dos dados que, ao avançar na seriação, o aluno tende a aumentar o número de novas ocorrências e diminuir o número de uma mesma ocorrência. Nesse sentido, confirmamos a hipótese de que há a interferência fonética da fala na escrita de alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental, e certos desvios da norma padrão que ocorrem na língua escrita são explicados devidos à influência de processos fonético-fonológicos.

O nível de influência da fala sobre a escrita se dá de acordo com o processo de alfabetização. Haverá, proporcionalmente, mais possibilidades de testagens das hipóteses pelo aluno, quanto mais longo for o seu tempo de escolarização. Isso significa que o professor precisará, a cada série, trabalhar métodos didáticos que contribuam para que os alunos façam novas testagens de suas hipóteses e percebam as diferenças existentes entre os sons da fala e a escrita.

Apresentamos outros fatores como a hipercorreção e acentos gráficos que, juntamente com a influência da fala, fazem com que o aluno durante a produção da escrita seja impelido ao desvio da norma culta que lhe é exigida.

Procuramos, com este trabalho, alertar os professores sobre a relevância de um conhecimento mais sistemático sobre a escrita de alunos das séries iniciais. É importante que os professores, ao invés de ignorarem, percebam e compreendam que a interferência da fala na escrita pode e deve ser trabalhada com intervenções didáticas adequadas a esse fim. Desse modo, o professor poderá intervir significativamente no processo de aprendizagem da escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luis Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2008.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

COSTA, G. B. *O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses*. 2010, p. 49-68. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.

GARCIA, M. J.; MIRANDA, A. R. Influência da variação linguística na escrita. In: XVIII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XI ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO, [Anais...]. Pelotas: UFPel, 2009.

LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2005.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 7-14.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-24.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIMÕES, Darcília. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola, 2006.

TASCA, Maria. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.